

# NEWSLETTER

## PEÇA DO MÊS | janeiro Bogie ou Truck Tipo 21 E. Swing link

No mês de janeiro destacamos uma das peças que mais curiosidade traz às crianças e entusiastas que visitam o Núcleo II do Museu da Carris.

Na nave 1, junto aos elétricos que marcaram o início do séc. XX encontramos um Bogie (do francês) ou Truck (do inglês). O leito de um elétrico encontra-se em exposição, a “base” que suporta o peso da carroçaria, e assegura o conjunto de rodas, motores e frenagem.

Datado dos anos 30, importado de Inglaterra do fabricante Maley & Taunton apresenta dois motores Metrovick 115 e foi, inicialmente, utilizado nos elétricos da série 700, produzidos nas oficinas da companhia, que entraram ao serviço em 1936.

Quando apareceu, este bogie continha um sistema de travagem inovador, com o acréscimo de um travão pneumático. No museu, o Elétrico n.º 741 (que entrou ao serviço em 1947) mantém o sistema original que permitia a utilização deste bogie, com dois volantes ligados entre si para acionar o travão ao carril manualmente.

Foi a presença deste mecanismo, que trouxe uma maior segurança ao sistema de travagem dos elétricos e por isso, todos os elétricos com este tipo de bogie tinham uma risca branca (como presente no bogie em exposição). Esta risca identificava que eram carros que podiam fazer todas as carreiras, e apenas estes carros faziam as carreiras 12 e 28, devido à segurança “extra” do seu sistema de travagem.

Além do elétrico n.º 741 do museu, os elétricos que têm sido utilizados para o Elétrico de Natal, 717, 735, 741 têm este bogie, assim como alguns elétricos turísticos que como o 713, decorado com bordados da Madeira, o 745 decorado com cortiça e o 744 decorado com tapete de Arraiolos.

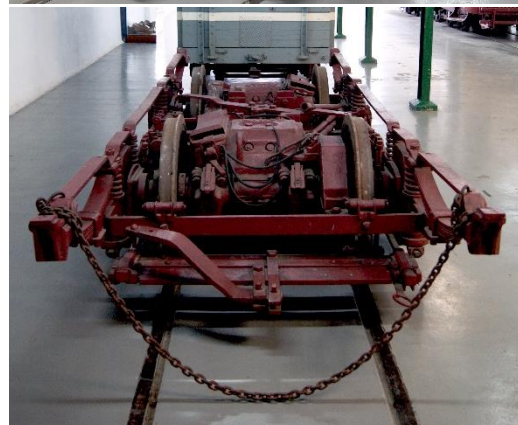


Fig.1, 2 e 3. Truck Tipo 21 E. Swing Link na nave 1 do Núcleo II do Museu da Carris.



Fig.4. Carro elétrico n.º 745 no Desfile de Clássicos do dia 17 de Setembro de 2022.

## NOVIDADES | janeiro

### Oficinas de Carnaval

20 e 22 de Fevereiro



### OFICINAS DE CARNAVAL

#### “O Museu Bizarro”

Pode um museu ser bizarro? Este Carnaval, apresentamos um museu diferente, com oficinas de criação de personagens, seres imaginários e algumas técnicas surrealistas. Para conhecer e explorar o Museu da Carris, vamos ter visitas com o Livro Gigante, jogos e desafios, onde vale quase tudo, mas só porque é Carnaval.

As inscrições estão abertas até dia 17 de fevereiro, através do e-mail: [museu@carris.pt](mailto:museu@carris.pt).

**Datas:** 20 e 22 de fevereiro (2ª feira e 4ª feira)

**Horário:**

Oficina manhã, 9h30 às 13h00

Oficina tarde, 14h00 às 17h00

**Idades:** 5-12 anos

**Nº Participantes:** 10 a 25 crianças

**Preço:** 9 € por oficina

36 € conjunto de 4 oficinas

Preço colaborador Carris/ Desconto Irmãos:

7,5 € por oficina

30 € conjunto de 4 oficinas

\*Sem refeições incluídas

**Monitores:** 2 monitores

#### Programa

##### 20 Fevereiro, Segunda-Feira

9h30-13h. Oficina:

“Tenho em Mim todas as pessoas do Mundo”

Todos os anos muitas pessoas esperam o Carnaval para serem uma pessoa diferente. Depois da visita ao museu, vamos criar máscaras de brincar partindo do universo Carris. Uma guarda-freio? Um barbeiro ou revisor? Um pintor ou um elétrico? Nesta oficina podemos ser todos.

14h-17h. Oficina:

“Diário de Bordo” parceria Faber-Castell

Nesta oficina, a visita ao museu começa pelo desenho. Vamos criar um diário de bordo com os transportes que mais gostamos do Museu da Carris. Os lápis, canetas e aguarelas são da Faber-Castell, numa tarde de concentração, no desenho está a diversão.

##### 22 Fevereiro, Quarta-Feira

9h30-13h. Oficina:

“Daqui – Dali, O Andar dos Bigodes”

Bigodes, relógios? É a partir da sala temática dedicada às Barbearias da Carris que vamos falar sobre o Movimento Surrealista Internacional e de Portugal. Depois da visita ao museu, experimentamos jogos surrealistas em desenho, pintura e escrita, baseados nos *cadavres exquis* e nas técnicas de decalcomania e *frotage*.

14h-17h. Oficina:

Oficina Seres Imaginários, figuras em barro

Há elétricos, autocarros, objetos da Companhia Carris de Ferro de Lisboa que parecem ter caras, pernas e braços. Nesta oficina exploramos algumas formas em barro para criar Seres Imaginários.

## SABIA QUE...

Os arcos que vemos no Núcleo I do Museu da Carris pertencem a um antigo Palácio?

Foi a 31 de janeiro de 1874 que, por sentença judicial, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa tornou-se proprietária da que viria a ser a Estação de Santo Amaro. Fundada a 18 de setembro de 1872, os primeiros passos da Carris foram dados em Santos, em barracões municipais cedidos pela câmara.

A primeira estação, a Estação de Santo Amaro, respondia à necessidade urgente de encontrar um espaço dentro da cidade de Lisboa, que permitisse albergar os 54 carros americanos e as 421 cabeças de gado que formavam o primeiro transporte de tração animal sobre carris.

Ocupando o antigo Palácio do Conde da Ponte e da Quinta do Saldanha, este lugar estava destinado a um asilo dedicado a crianças abandonadas, criado em 1863 com o nome de Asilo D. Luiz.

Por 20 200 réis, a Carris adquire o espaço do antigo asilo com a finalidade de criar uma estação central. Nesta estação foram construídos espaços de cavalariças, cocheiras, oficinas e celeiros. O antigo palácio foi destinado a escritórios e, desde 1999, parte deste edifício é dedicado ao Núcleo I do Museu da Carris.

O crescimento da companhia, faria com que em 1882, oito anos após a aquisição da primeira estação, a Carris adquirisse novas instalações que dariam lugar à extinta Estação do Arco do Cego.

150 anos após a sua criação, é na primeira estação, a Estação de Santo Amaro, que a Carris concentra toda a sua frota de carros elétricos, e onde hoje podemos encontrar os veículos mais antigos da companhia.

Para conhecer melhor o espaço do Núcleo I do museu e do Antigo Palácio do Conde da Ponte, convidamos a explorar a visita virtual através do link:

<https://gateway.carris.pt/public/visita360/>.



Fig.1. Frame Visita Virtual com edifício do Núcleo I do Museu da Carris.



Fig.2 – Car Barn da Estação de Santo Amaro, em 1900.



Fig.3. Entrada Estação de Santo Amaro, anos 60.